

José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse,
orgs. 2021. *(Novas) Palavras da Crítica* [livro eletrônico].
Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima.

(Novas) Palavras da Crítica apresenta-se como um livro que dá continuidade ao volume *Palavras da Crítica*, publicado em 1992, com a organização de José Luís Jobim, professor na Universidade Federal Fluminense. Saído em formato papel, há três décadas, o livro esgotou rapidamente, tendo sido mais tarde digitalizado e posto a circular de forma gratuita na internet. Este gesto anônimo acabou por reforçar o desejo, por parte do organizador, de iniciar um projeto de “ciência aberta” (11). O novo volume emerge, assim, como produção de conhecimento de acesso livre e gratuito com o claro propósito de encurtar a distância entre a academia e o público em geral. Segue, por isso, a mesma estrutura, objetivos e audiência-alvo do volume anterior, porém, traz a novidade de se ramificar em linha, através de vídeos (publicados no canal de YouTube do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense) onde alguns colaboradores dissertam sobre o seu verbete-ensaio, dando voz de uma maneira mais informal às palavras escritas e amplificando a dimensão de acessibilidade e legibilidade que caracteriza o projeto. Na elaboração deste segundo volume, a José Luís Jobim juntam-se Pedro Sasse, professor na mesma instituição, e Nabil Araújo, professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Com 448 páginas, o volume de 1992 apresenta 18 entradas, a saber: Autor, Autora, Cânone, Desconstrução, Gênero, História da Literatura, Ideologia, Inconsciente, Influência, Leitor, Literatura, Literatura Negra, Nacionalismo Literário, Popular, Tempo, Teoria da Literatura, Texto e Tradução. Bastante maior, o novo volume oferece 26 entradas, aparecendo nove delas em ambas as edições – Cânone (nova grafia), Desconstrução, Gênero, Ideologia, Inconsciente, Leitor, Nacionalismo, Teoria da Literatura e Texto – e sendo três assinadas pelos mesmos autores da primeira edição: Inconsciente, Nacionalismo (literário) e Teoria da Literatura. A repetição das entradas demonstra que o trabalho de definição de determinados conceitos resulta de uma reflexão em progresso, inacabada e necessariamente dependente dos debates socioculturais que se vão

evidenciando ao longo do tempo. Comprova igualmente a maturidade intelectual dos próprios autores, capazes de releituras críticas.

A seleção das novas palavras – Crítica Literária, Distopia, Epopeia, Insólito, Lírica, Literatura de Viagem, Literatura Indígena, Literatura Infantil e Juvenil, Melodrama, Narrativa, Narrativas Amazónicas, Natureza, Orientalismo, Pós-colonial, Regionalismo, Representação e Transculturização – revela a emergência de áreas e questões de interesse crítico nas últimas décadas, como sendo as questões pós-colonial, ambiental e indígena. A abrangência a novos termos e temas é explicitada, por exemplo, no início do verbete sobre Literatura Indígena da autoria de Fábio Almeida de Carvalho, onde se lê:

A ausência do verbete ‘Literatura indígena’ na primeira edição de *Palavras da Crítica* comprova que até 1992 esse fenômeno cultural ainda não havia se firmado na pauta do debate teórico e crítico sobre a vida cultural e literária brasileira. . . . bem diferente é a situação em nossos dias, quando a literatura indígena passa por momento de grande ebulição, por verdadeiro boom. (379)

Um caso ilustrativo de atualização teórica diz respeito à palavra *Género*. Se, em 1992, o verbete de Maria Consuelo Campos contextualiza a questão da categoria de género a partir dos pontos de vista linguístico, histórico, antropológico e feminista; em 2021, além de serem mencionados esses pontos de vista, a reflexão de Anélia Pietrani engloba questões ideológicas, políticas e performativas, dando conta dos debates sobre esta matéria a partir dos anos 90 do século XX e introduzindo terminologia-chave nas discussões contemporâneas sobre o tópico, tal como: construção discursiva, performatividade, não-binaridade, interseccionalidade, linguagem não-binária, *queer*, etc. Além disso, este ensaio ativa um conjunto de referências bibliográficas que não tinham sido consideradas no verbete anterior, alertando-se para a importância de se repensar tanto a linguagem quanto a própria construção linguística do género. Na última parte do ensaio, a autora interjeta ainda as questões de género e de violência.

Embora todos os verbetes se pautem pela clareza e pelo esforço de traduzir o jargão académico num discurso acessível sem resvalar para o facilitismo, existem naturalmente vários estilos de escrita. A meu ver, por uma questão de consistência, teria sido importante que todos os textos seguissem a mesma estrutura, aumentando a coesão do volume. Por exemplo, alguns verbetes recorrem a longas citações de fontes primárias, incluem notas explicativas, exibem epígrafes, outros não. Alguns têm subtítulos, outros apenas separações numéricas.

A extensão de cada um também difere em número de páginas, por vezes em quantidade significativa. Seja como for, compreende-se que a falta de padronização se deva à dificuldade de coordenar e acomodar as opções gráficas e estilísticas de um tão grande número de colaboradores. Além de que, no que se refere à extensão, entende-se que alguns termos exijam mais espaço.

Um aspeto digno de nota concerne à voz autoral que, em alguns verbetes, ganha uma força retórica bastante evidente. Tal é o caso do texto sobre Desconstrução assinado por Evando Nascimento. O autor começa por mapear a receção do termo de Jacques Derrida no Brasil, atentando no trabalho de tradução e no ambiente dos núcleos universitários brasileiros que o acolheram. Tendo sido aluno de Derrida em Paris, Nascimento dá um tom de proximidade e clareza à obra do filósofo considerado tantas vezes como sendo hermético e difícil de ler. Neste verbete, fica-se também a saber da visita de Derrida ao Brasil em 2004, ano da sua morte. Ao recusar ser um mero discípulo do incontornável pensador, Nascimento coloca em prática a visão derridiana de ser “preciso acrescentar alguma coisa ao texto do outro, ‘traindo-o’ na máxima fidelidade, ou seja, suplementando-o” (80). E é justamente nesse sentido que o autor menciona uma expressão que passou a incorporar no seu trabalho de crítica literária: “literatura pensante” (92).

Apesar de vários dos colaboradores referenciar o contexto brasileiro, exemplificando e citando autores e obras nacionais quando pertinente, o volume pode ser muito útil em todas as geografias em que o português seja a língua de trabalho. Este livro interessa pelo esforço de síntese, por apontar caminhos de análise crítica e explicitar relações entre teoria e prática cultural. *(Novas) Palavras da Crítica* não é para ser lido de uma assentada. É um livro-ferramenta, um livro de consulta. Citando a definição de José Luís Jobim no texto introdutório, trata-se de “um meio-termo entre o dicionário e a coletânea de ensaios” (9). Dito de outro modo, este livro eletrónico é uma base de conhecimento sobre diversos conceitos incontornáveis para os estudos da literatura e da cultura, oferecendo, no final de cada ensaio, referências bibliográficas úteis a qualquer estudante, pesquisador de literatura, mas também a um público mais geral que se interesse por questões literárias e culturais. A leitura flui de maneira escorregada e o leitor, mais ou menos letrado nos temas abordados, sente-se acompanhado. Em suma, é um volume informativo e didático, um guia para futuras e aprofundadas reflexões.

PATRÍCIA MARTINHO FERREIRA é doutorada pela Brown University e ensina literaturas e culturas lusófonas na UMass Amherst. É autora de *Órfãos do Império: Heranças Coloniais na Literatura Portuguesa Contemporânea* (Lisboa: ICS, 2021).